

Antonio Imbasciati é autor de uma vasta obra dedicada à pesquisa em psicanálise. Há muito vem pesquisando e publicando vários livros e artigos, principalmente na Itália. Nascido em 1936, em Pisa, é professor de Psicologia Clínica da Faculdade de Medicina da Universidade de Brescia, e foi titular da cátedra de Psicologia na Faculdade de Magistério da Universidade de Turim. É membro da International Psychoanalytical Association e da Sociedade de Psicanálise Italiana. Ainda pouco conhecido entre nós, esta é sua primeira obra traduzida para o português. Profundo conhecedor da obra de Bion, de Money-Kyrle e das pesquisas cognitivas principalmente norte-americanas, traz um aporte novidadeiro e polêmico para a psicanálise, do ponto de vista epistemológico. Na apresentação do livro, ele próprio comenta certa dificuldade de penetração em alguns meios psicanalíticos atribuindo-a justamente ao caráter polêmico de sua proposta.

Este livro é uma coletânea de sete artigos e insere-se na bibliografia recente do autor, entre outras obras interessantes ainda inéditas em português: *Sviluppo psicosessuale e sviluppo cognitivo, 1983*; *Il proto-mentale, 1981*; *La vita psichica primaria, 1991*; e *L'oggetto e le sue vicissitudini, 1993*, entre outras.

O foco de atenção do autor pode ser entendido num contexto atual de questionamento da psicanálise sobre a realidade e sua relação intrínseca com a percepção. No número da *Revue Française de Psychanalyse* de 1995 dedicado ao tema da percepção, os editores perguntam-se: "A noção de realidade em

Para uma psicanálise dos processos cognitivos

Resenha de Antonio Imbasciati, *Afeto e Representação*, S. Paulo, Editora 34, 1998, 223 p.

psicanálise pode ter outro sentido, a não ser metafísico, se for evitada a construção de uma teoria da percepção?"² Segundo o artigo de Nelson Coelho Júnior³ o maior interesse dos psicanalistas pelo tema da percepção teria surgido em decorrência de um interesse anterior pelo tema da realidade, destacadamente de autores como Winnicott e Lacan. Neste artigo traça-se um retrato do modo como o interesse pelo tema da percepção vem sendo vinculado à psicanálise. Neste contexto, o autor examina vários autores pós-freudianos interessados no estudo da realidade e afirma que "Em Winnicott e nos autores que de uma forma ou outra se vinculam a sua obra, como Bollas ou Ogden, é claro o papel central dado a uma reinterpretação da realidade e da percepção na tentativa de superar a dicotomia sujeito-objeto e a dicotomia correlata, realidade interna-realidade externa."⁴

Entre os analistas franceses não-lacanianos, Coelho destaca a importância do trabalho de César e Sara Botella que têm investigado a percepção e sua relação com o irrepresentável. Segundo Coelho, "A abertura a uma investigação mais aprofundada da experiência perceptiva pede não só uma revisão do aparato teórico utilizado para a elaboração das experiências clínicas, mas também uma nova proposição em termos técnicos... coloca o analista em uma posição limite entre representação e percepção: a situação analítica exige esta simultaneidade e tensão."⁵ Na conclusão deste artigo, Coelho enfatiza a necessidade de "transformação do enquadre epistemológico em que a psicanálise situou originalmente o problema da percepção. A percepção não é propriedade de um sujeito ou de uma consciência, tampouco é resultado exclusivo das propriedades expressivas de um objeto"⁶

O trabalho de Imbasciati poderia de certa forma ser compreendido neste contexto. Seu foco de atenção tem sido a percepção e principalmente as proto-percepções. A principal inovação trazida por ele é justamente sugerir que os conceitos psicanalíticos, que a teorização sobre o funcionamento mental proposta por Freud e posteriormente por outros psicanalistas, possam agora ser revistos à luz

dos novos conhecimentos científicos provindos de outras áreas tais como da psicologia cognitiva, da neurologia, da fisiologia, da etologia e etc. Imbasciati esclarece reiteradamente ao longo de todos os artigos que compõem este livro que sua intenção é questionar e modificar aspectos teóricos da psicanálise para torná-la atual, útil e mais precisa, sempre levando em conta a interação com outros campos de conhecimento científico. No dizer do autor, "...os psicanalistas, habituados principalmente à psicanálise, podiam estar pouco preparados para usufruir das contribuições experimentais, sobretudo com relação a um certo modo de raciocinar e teorizar específico da psicologia experimental, baseado em uma terminologia rigorosa e em uma definição unívoca dos conceitos."⁷

O modo de raciocinar, de definir conceitos e principalmente a preocupação constante de checar informações e de não aceitar como corretas afirmações que não possam ser corroboradas por pesquisas científicas (provindas de várias áreas do conhecimento) sinalizam uma postura específica de pesquisador, mais próxima à pesquisa científica. Esta atitude adotada pelo autor frente à observação do fenômeno psíquico, propiciou a criação de uma hipótese teórica que pode conciliar "as observações psicanalíticas com as contribuições recentes de disciplinas e ciências que podem fundamentá-las - o que impedia tal conciliação era a necessidade da manutenção do edifício teórico fechado da psicanálise"⁸ Esta postura epistemológica de Imbasciati pressupõe uma gana investigativa, que por sua vez implica sempre a revisão da teoria a partir da observação dos fenômenos. A teoria é considerada hipótese de trabalho, perspectiva de observação e não possui estatuto de verdade.

Neste livro, o leitor é convidado a se envolver intelectualmente com o discurso e não afetivamente. A meu ver, difícil-

mente a leitura desta obra arrebatará o leitor pela emoção. Não há nada no estilo nem no conteúdo que esteja orientado para conquistar o leitor, apenas idéias que, estas sim, provocam e instigam. O título: *Afeto e representação: Para uma psicanálise dos processos cognitivos* acaba sugerindo também dois modos diferentes de abordagem em relação a uma obra psicanalítica: pelo afeto ou pela representação, entendida desde logo pelo autor como cognição. Este livro é definitivamente um apelo à inteligência do leitor; exige raciocínio fresco e disposição para rever conceitos e hierarquias estabelecidas.

Embora não seja apaixonante no sentido descrito acima, o impacto provocado pela leitura deste livro é extremamente prazeroso. O prazer provocado pela descoberta deste livro provém da área afetiva ou cognitiva? Esta é precisamente a questão do livro. Para ele, afeto e representação são aspectos indissociáveis: o afeto é entendido como a forma primitiva da cognição, é um esquema funcional e operativo da mente, que serve para a adaptação e portanto para a cognição, que representa o direcionamento mais evoluído da adaptação.

Para sustentar sua crítica à dicotomia entre afeto e cognição, Imbasciati recorre especialmente à obra de Bion e à sua concepção da psicanálise como um tipo de teoria de aprendizagem. Entre os sete artigos que compõem este livro, escritos entre 1983 e 1988, dois são dedicados à comparação da teoria bioniana com os conhecimentos atuais na área da psicologia da percepção e servem de base para a compreensão de um conceito central do autor: o conceito do proto-mental. O autor constrói cuidadosamente esta noção ao longo de todo o texto, assinalando a necessidade de novo modelo de observação para o fenômeno mental. Parte da refutação da dicotomia entre afeto e cognição, da comparação com o conceito de objetos internos e da concepção atual da percepção como processo ativo de elaboração das aferências sensoriais.

Ao examinar a contraposição entre afeto e representação proposta por Freud, o autor considera que ambas as teorias nas quais estes conceitos são fundados, a pulsional e a da representação isomórfica são contestáveis dado que foram elaboradas num momento histórico determinado, quando todo acontecimento natural podia ser explicado pela dicotomia pré-einsteiniana de energia-matéria, em que a energia operante na matéria seria seu agente transformador. "A ambição e a esperança de uma explicação

causal desse tipo parecem bastante evidentes no pensamento de Freud."⁹ A teoria freudiana, segundo o autor, deveria ser revista já que está fundada sobre princípios já há muito superados pelas ciências em geral. Já o Freud clínico, no dizer do autor, considerava os afetos como o próprio sentido com que se forma a ideação e os fios com os quais esta é tecida. Conclui portanto, que "A clínica freudiana permaneceu, constituiu o método psicanalítico e o próprio esqueleto da ciência psicanalítica. A teoria, ao contrário, passou e tem que ser substituída".¹⁰ A teorização de Freud a respeito da representação é alvo de várias revisões, entre elas, assinalamos especialmente a obra de Lacan que para enfrentar esta questão recorre à lingüística e entre nós, Isaías Mehlson que na tentativa de enfrentar certas aporias freudianas recorre à Teoria da Gestalt e à Fenomenologia para rever a teoria da representação e da percepção. Imbasciati depara-se com questões epistemológicas semelhantes, e desenvolve uma abordagem própria para dar conta desta questão central na psicanálise.

Convergindo com conclusões de estudos etológicos, psicanalíticos (especialmente de Daniel Stern) e de Psicologia da Percepção, especificamente os de Plutchik e Kellerman, Imbasciati propõe que o afeto seja considerado um esquema funcional e operativo da mente, que serve para a adaptação e portanto para cognição, sugerindo que o afeto não pode mais ser considerado a partir da Teoria da Libido, apontando para a necessidade de uma nova teoria que possa dar conta de explicar a transformação dos afetos em pensamentos. Percorre a Teoria da Relação de Objeto de Klein e assinala que sua ênfase "sobre os processos introjetivos habitu-nos a pensar não simplesmente no fato de que o objeto interno pode ser diferente do externo, mas também *como* se dá essa diferença, ou em como o objeto

interno pode ser representável em função, portanto, de uma referência sensorial".¹¹ O objeto interno, definido por Klein e Bion em termos dinâmicos, aguarda, entretanto, uma definição mais exaustiva em termos representacionais, desenvolvida por Imbasciati ao longo de sua obra e especificamente nos capítulos I, V e VI deste livro. O conceito de representação será tratado como um esquema operativo codificado na memória, e o objeto interno será considerado a partir de seu valor representacional, dado desde o nascimento, como instrumento que o bebê possui para conhecer o mundo. Em todos os artigos, de diversas maneiras, o autor traça um esboço de psicologia do desenvolvimento ancorada na possibilidade descritiva do funcionamento cognitivo do bebê a partir da perspectiva das primeiras proto-percepções, levando em conta, portanto, as diferenças essenciais entre o funcionamento mental de um bebê e o de um adulto. A teoria do protomental é uma hipótese descritiva para a compreensão do modo como pode se desenvolver um *continuum* desde as aferências primeiras até o sofisticado aparelho mental do adulto. Os objetos internos primários seriam, para o autor, as proto-representações, seja de objetos do mundo externo seja das elaborações do mundo interno e das próprias operações mentais tais como os afetos, as emoções, os sentimentos e os pensamentos. Através da noção de proto-representação, o autor demonstra que os objetos internos primitivos, embora completamente diferentes dos objetos externos,

são o instrumental de que o bebê dispõe para representar o mundo, a si mesmo e aos outros. A partir deste repertório inicial, construído pelo bebê pela interação com o mundo e com si mesmo, e pela contínua revisão de suas estruturas estruturadoras, o bebê vai evoluindo em direção a uma percepção cada vez mais ajustada à realidade, isto é, aos objetos externos reais.

Nos artigos: "Teoria do protomental e valor representacional dos objetos internos" e "A representação do afeto", o autor desenvolve mais explicitamente suas noções de representação e afeto, e apresenta de modo mais claro e abrangente sua teorização e filiação científica. A proposta de investigar a fundo conceitos centrais da psicanálise tais como a noção de projeção, de fantasia, de objetos internos, de mecanismos de defesa, e de mente à luz da psicologia cognitivista e da psicologia da percepção conduz o leitor a refazer o caminho lógico da formação destes conceitos, situando histórica e epistemologicamente o processo destas teorizações e propondo sua revisão sempre baseado em sua concepção científica da psicanálise, portanto corpo de conhecimento e de formulação de hipóteses que devem ser checadadas e avaliadas com isenção e sem temor. Imbasciati sugere a metáfora da observação da lua, segundo a qual a psicanálise tem procurado compreender e pensar os fenômenos mentais observando a face oculta da lua, deixando de lado as observações recolhidas por pesquisadores de outras áreas que procuram estudar a face visível da lua.

Ao desbravar este campo, o autor aborda por exemplo, a questão da cisão do objeto proposta por Melanie Klein. Segundo seu modelo, o bebê não cinde o objeto seio. Segundo estudos da perceptologia e da psicologia cognitiva, sabe-se que a percepção tal como se dá no adulto ainda não está estabelecida no bebê, portanto a estrutura mental capaz de organizar as diversas aferências sensoriais, a estrutura protomental do bebê, só pode perceber objetos não integrados. Inicialmente os objetos não correspondem ao objeto real, portanto não podem ser cindidos. A questão torna-se então estudar como os objetos podem tornar-se integrados e qual o processo representacional que permite a transformação destas proto-representações em representações cada vez mais adequadas à realidade, isto é, mais próximas do objeto externo.

A teoria do proto-mental formulada aqui e em outras obras do autor não constitui apenas uma contribuição ao corpo de conhecimento psicanalítico, mas aponta também para uma mudança de postura tanto do pesquisador quanto do clínico. A clínica amparada nestes conceitos deve apresentar modificações substanciais. Falta aqui conhecer os aportes do autor para o campo clínico. O livro, como dissemos, não traz indicações a respeito da modificação clínica, que parece impor-se inexoravelmente se aceitadas as hipóteses levantadas por Imbasciati. Parafrazeando-o, a partir da perspectiva de percepção do autor, é imperativa uma mudança de atitude do psicanalista frente a sua função, à transferência e inclusive ao *setting*. Este aspecto não é explicitamente abordado neste livro, e o leitor certamente ficará curioso para conhecer as implicações clínicas que esta nova abordagem impõe. O artigo "Formação X informação: o problema das teorias na formação do pesquisador", de Vera Stella

Teles¹², pode ser referência importante para compreendermos melhor as implicações clínicas desta postura teórica. Nele a autora afirma: "Demonstrando o fato de poder traduzir todo o *continuum* do desenvolvimento mental em termos de representação, Imbasciati preenche tal lacuna (o fato da psicanálise não apresentar uma teoria da aprendizagem) e torna teoricamente compreensível – sem recorrer a teorias prontas a passagem do sensorial ao mental, dos primeiros objetos primitivos à percepção adequada dos objetos externos reais. Enfim, cremos ser sua teoria – baseada nas descobertas da perceptologia, neurologia, psicologia moderna e da etologia – uma perspectiva que permite uma visão do conjunto do aparato mental a partir de suas *reais possibilidades* de funcionamento (observáveis) (...). Se o enfoque for feito a partir da percepção das características de tais estruturas estruturadoras da experiência, o sentido, a explicação da reação, será uma consequência direta – ela procede das próprias características da estruturação vigente no momento."¹³

A publicação desta obra é muito bem vinda para apresentar ao leitor brasileiro este original autor, especialmente neste momento quando a psicanálise vem sendo intensamente introduzida nas universidades, sendo portanto exposta à comparação com outras metodologias científicas e convidada a dialogar com elas.

A leitura deste livro provoca curiosidade e necessidade de conhecermos mais. Como dissemos, Imbasciati publicou uma extensa bibliografia, onde vem desenvolvendo sua teoria e método investigativo. No livro *O Objeto e suas Vicissitudes*, de 1993, chega a deli-

near uma tradução dos conceitos teóricos psicanalíticos em termos cognitivos. Aqui o autor traça uma história das vicissitudes de uma elaboração coletiva do pensamento psicanalítico, alicerçado na função de representação do objeto interno, e não na origem relacional da estrutura psíquica. Propõe um vértice menos calcado na dinâmica do afeto e no referencial energético e mais voltado para a leitura da experiência externa a partir da estrutura perceptiva interna. O conceito de objeto interno primário, proveniente da noção de fantasia kleiniana é elemento constitutivo básico na edificação teórica do autor. Aqui Imbasciati desenvolve sua teorização em relação a conceitos chave tais como: fantasia, posição esquizo-paranóide, posição depressiva, sentimento de culpa, etc., explicitando e aprofundando conceitos delineados em *Afeto e representação*. O mercado editorial brasileiro fica nos devendo futuras publicações deste autor a fim de que possamos nos familiarizar e compreender melhor as propostas epistemológicas esboçadas nesta obra.

NOTAS

1. Em português seria: *Desenvolvimento psicosexual e desenvolvimento cognitivo, O proto-mental, A vida psíquica primitiva e O objeto e suas vicissitudes*.
2. Avant-propos, *Revue Française de Psychanalyse*, Paris, P.U.F., 2/1995, p. 333.
3. N. Coelho, "Usos da percepção na psicanálise contemporânea", *Percurso*, nº 23, São Paulo, 1999, p. 97-103.
4. *Op.cit.*, p. 101.
5. *Op. cit.* P. 105.
6. *Op. cit.*, p. 106.
7. A. Imbasciati, *Afeto e Representação*, p. 9.
8. V. S. Teles, "Formação X informação: o problema das teorias na formação do pesquisador", *Percurso*, nº 12, 1994, p. 56.
9. A. Imbasciati, *op.cit.*, p. 25.
10. *Op. cit.*, p. 26.
11. *Op. cit.*, p. 29.
12. V. S. Telles, *op. cit.*, p. 53-59.
13. *Op. cit.*, p. 58.

Maira Firer Tanis é psicóloga e pós-graduada em Psicologia na Universidade Federal de São Paulo.